RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 07/08/2026 | aceito: 10/08/2026 | publicação: 13/08/2026

Além da infodemia: uma proposta conceitual para compreender a desinfodemia, a misinfodemia e a malinfodemia no ecossistema informacional contemporâneo

Beyond the infodemic: a conceptual framework for understanding disinfodemic, misinfodemic, and malinfodemic in the contemporary information ecosystem

Más allá de la infodemia: una propuesta conceptual para comprender la desinfodemia, la misinfodemia y la malinfodemia en el ecosistema informacional contemporáneo

Wilnan Oliveira – Universidade Federal do Ceará, wilnancustodio.jornalista@gmail.com | Orcid: 0009-0005-0169-466X

Resumo:
Este artigo propõe uma ampliação teórica dos estudos sobre desordem informacional a partir de uma perspectiva ecológica da circulação informacional. Argumenta-se que as abordagens clássicas, embora fundamentais para classificar conteúdos falsos, manipulativos ou descontextualizados, oferecem explicações limitadas sobre as condições estruturais que favorecem sua propagação em ambientes digitais marcados pela superabundância de dados. Com base em revisão bibliográfica e análise conceitual, o estudo discute a infodemia como condição ecológica da circulação contemporânea e propõe os conceitos de misinfodemia, desinfodemia e malinfodemia como categorias analíticas destinadas a compreender diferentes dinâmicas de propagação da desordem informacional. O modelo desenvolvido articula contribuições da Comunicação e da Ciência da Informação, incorporando elementos relacionados às plataformas digitais, à mediação algorítmica, à economia da atenção e à saturação cognitiva. Conclui-se que a compreensão da desordem informacional exige deslocar o foco analítico do conteúdo para as condições ecológicas de sua circulação.

Palavras-chave:
Desordem informacional; Infodemia; Ecologia da circulação informacional.

Abstract:
This article proposes a theoretical expansion of informational disorder studies through an ecological perspective of informational circulation. It argues that classical approaches, although essential for classifying false, manipulative, or decontextualized content, offer limited explanations regarding the structural conditions that enable their propagation in digital environments characterized by data overabundance. Based on a bibliographic review and conceptual analysis, the study discusses infodemic as an ecological condition of contemporary circulation and proposes the concepts of misinfodemic, disinfodemic, and malinfodemic as analytical categories designed to explain different dynamics of informational disorder propagation. The model integrates contributions from Communication and Information Science, incorporating elements related to digital platforms, algorithmic mediation, attention economy, and cognitive saturation. It concludes that understanding informational disorder requires shifting the analytical focus from content itself to the ecological conditions of its circulation.

Keywords:
Informational disorder; Infodemic; Ecology of informational circulation.

Resumen:
Este artículo propone una ampliación teórica de los estudios sobre el desorden de la información desde una perspectiva ecológica de la circulación de la información. Se argumenta que los enfoques clásicos, aunque fundamentales para clasificar contenidos falsos, manipulativos o

descontextualizados, ofrecen explicaciones limitadas sobre las condiciones estructurales que favorecen su propagación en entornos digitales marcados por una sobreabundancia de datos. A partir de una revisión bibliográfica y un análisis conceptual, el estudio discute infodemia como condición ecológica de la circulación contemporánea y propone los conceptos de misinfodemia, desinfodemia y malinfodemia como categorías analíticas diseñadas para comprender diferentes dinámicas de propagación del desorden informativo. El modelo desarrollado articula aportes de las Ciencias de la Comunicación y la Información, incorporando elementos relacionados con las plataformas digitales, la mediación algorítmica, la economía de la atención y la saturación cognitiva. Se concluye que comprender el desorden de la información requiere desplazar el enfoque analítico del contenido a las condiciones ecológicas de su circulación.

Palabras clave:
Desorden informativo; infodemia; Ecología de la circulación de la información.

1. Introdução

A consolidação das plataformas digitais, da comunicação em rede e da circulação algorítmica de conteúdos transformou profundamente as dinâmicas de produção, circulação e consumo da informação. Se, durante grande parte da modernidade, o principal desafio social consistia na ampliação do acesso ao conhecimento, o cenário contemporâneo caracteriza-se por uma realidade oposta: a superabundância informacional. A expansão das redes digitais, associada à conectividade permanente, à economia da atenção e aos mecanismos automatizados de recomendação de conteúdo, produziu um ambiente comunicacional marcado pela circulação contínua e acelerada de dados, no qual a capacidade de seleção, verificação e contextualização das informações torna-se progressivamente mais complexa.

Nesse contexto, a circulação da informação deixa de representar apenas um processo de transmissão de conteúdos e passa a constituir um problema estrutural das sociedades digitais. A velocidade dos fluxos informacionais, a competição permanente por visibilidade, a lógica do engajamento e a mediação exercida pelos algoritmos alteram significativamente as condições de produção do conhecimento, favorecendo a fragmentação da atenção, a sobrecarga cognitiva e a redução do tempo destinado à reflexão crítica. Mais do que um simples aumento quantitativo da informação disponível, observa-se a constituição de um ecossistema comunicacional caracterizado pela saturação permanente de estímulos, no qual conteúdos de naturezas distintas disputam simultaneamente a atenção dos indivíduos.

Foi nesse cenário que o conceito de infodemia ganhou centralidade, especialmente durante a pandemia de COVID-19, sendo amplamente utilizado para designar o excesso de informações que dificulta a identificação de conteúdos confiáveis e cientificamente verificáveis. Embora essa noção tenha contribuído significativamente para compreender os

impactos da superabundância informacional sobre os processos de tomada de decisão e sobre a saúde pública, sua utilização tem permanecido predominantemente associada ao excesso de informações, oferecendo explicações limitadas acerca das diferentes dinâmicas que estruturam a circulação contemporânea de conteúdos em ambientes digitais.

Paralelamente, consolidaram-se na literatura internacional as categorias misinformation, disinformation e malinformation, utilizadas para distinguir conteúdos falsos compartilhados sem intenção de causar danos, conteúdos deliberadamente falsos produzidos para manipular e informações verdadeiras utilizadas estrategicamente para provocar prejuízos sociais, políticos ou simbólicos. Essas categorias representam importante avanço para a compreensão da desordem informacional ao permitirem diferenciar a natureza e a intencionalidade dos conteúdos. Entretanto, permanecem centradas na classificação dos objetos informacionais, oferecendo menor atenção às condições ecológicas que favorecem sua circulação massiva em ambientes caracterizados pela saturação informacional.

Parte-se, portanto, da compreensão de que a crise informacional contemporânea não pode ser explicada exclusivamente pelo excesso de informações nem apenas pela tipologia dos conteúdos desinformativos. A lógica comunicacional das plataformas digitais produz um ambiente estrutural no qual diferentes fenômenos coexistem, interagem e potencializam mutuamente seus efeitos. A superabundância de informações reduz a capacidade de processamento cognitivo dos indivíduos e cria condições favoráveis para que conteúdos equivocados, manipulativos ou estrategicamente descontextualizados circulem com maior velocidade, menor possibilidade de verificação e elevada capacidade de alcance.

Diante desse cenário, este artigo busca responder à seguinte questão de pesquisa: em que medida o conceito de infodemia e as categorias clássicas da desordem informacional são suficientes para explicar a dinâmica contemporânea da circulação de conteúdos em ambientes digitais marcados pela saturação informacional? Como resposta a essa problemática, propõe-se uma ampliação do modelo teórico da desordem informacional por meio da formulação dos conceitos de misinfodemia, desinfodemia e malinfodemia. Argumenta-se que tais conceitos não constituem meras reformulações terminológicas das categorias já consolidadas na literatura, mas categorias analíticas destinadas a compreender a dinâmica epidêmica de circulação desses conteúdos em um ambiente informacional caracterizado pela superabundância de dados, pela aceleração comunicacional e pela mediação algorítmica das plataformas digitais.

2. Da desordem informacional à ecologia da circulação

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O
Saber. ISSN: 2675-9128. São Paulo - SP.
Ano VII, v.1 2026 | submissão: 07/08/2026 | aceito: 10/08/2026 | publicação: 13/08/2026

As discussões sobre desordem informacional intensificaram-se nas últimas décadas em decorrência da expansão das plataformas digitais e da crescente preocupação com os impactos da circulação de conteúdos falsos, enganosos ou manipulativos sobre a vida social, política e econômica. Embora fenômenos dessa natureza antecedam a internet, a infraestrutura comunicacional contemporânea alterou significativamente a velocidade, a escala e o alcance da circulação da informação, conferindo novas dimensões aos processos de produção, compartilhamento e consumo de conteúdos.

Entre as principais contribuições para a compreensão desse cenário destaca-se o modelo proposto por Wardle e Derakhshan (2017), que sistematizou a desordem informacional a partir da distinção entre misinformation, disinformation e malinformation. Segundo os autores, a misinformation corresponde à circulação de informações falsas ou imprecisas compartilhadas sem intenção deliberada de causar danos; a disinformation refere-se à produção e disseminação intencional de conteúdos falsos com o objetivo de manipular indivíduos ou grupos; enquanto a malinformation consiste na utilização estratégica de informações verdadeiras para provocar prejuízos sociais, políticos, morais ou reputacionais (Wardle; Derakhshan, 2017). Essa tipologia tornou-se uma das principais referências internacionais para os estudos sobre desinformação, oferecendo critérios analíticos relevantes para distinguir tanto a natureza dos conteúdos quanto a intencionalidade envolvida em sua circulação.

Paralelamente, a Organização Mundial da Saúde (WHO) consolidou o conceito de infodemia, especialmente durante a pandemia de COVID-19, ao definir o fenômeno como um excesso de informações — corretas ou incorretas — que dificulta o acesso da população a conteúdos confiáveis e cientificamente verificáveis (WHO, 2021). A difusão desse conceito representou um avanço importante ao deslocar parte da atenção acadêmica da falsidade dos conteúdos para as consequências produzidas pela superabundância informacional. Nesse contexto, a preocupação deixa de incidir exclusivamente sobre a existência da desinformação e passa a contemplar também os efeitos decorrentes da saturação informacional sobre os processos de tomada de decisão, de produção do conhecimento e de formação da opinião pública.

Entretanto, as transformações ocorridas no ambiente comunicacional contemporâneo sugerem que a circulação da informação não pode ser compreendida apenas pela análise dos conteúdos ou pelo volume de informações disponíveis. O modelo econômico das plataformas digitais baseia-se na captura permanente da atenção dos usuários, convertendo tempo de permanência, engajamento e interação em ativos econômicos. Como observa Han (2022), a sociedade contemporânea caracteriza-se por uma sobrecarga permanente de estímulos, na qual

o excesso de informação reduz progressivamente a capacidade contemplativa e reflexiva dos indivíduos. Nesse ambiente, a atenção transforma-se em um recurso escasso disputado continuamente por diferentes atores sociais, econômicos e políticos.

Essa dinâmica é intensificada pelo funcionamento dos algoritmos de recomendação, responsáveis por selecionar, ordenar e distribuir conteúdos segundo critérios predominantemente relacionados às probabilidades de engajamento. Em vez de operarem como mecanismos neutros de organização da informação, os sistemas algorítmicos participam ativamente da definição daquilo que ganha visibilidade nas plataformas digitais, favorecendo conteúdos capazes de gerar reações emocionais, compartilhamentos e elevado volume de interações. Como consequência, a circulação da informação passa a ser condicionada não apenas por critérios de relevância pública, mas também por lógicas comerciais associadas à economia da atenção.

Nesse cenário, o excesso permanente de estímulos produz efeitos cognitivos relevantes e a aceleração dos fluxos informacionais, associada à multiplicação contínua de conteúdos concorrentes, reduz o tempo disponível para verificação, contextualização e reflexão crítica, favorecendo formas de consumo rápido e superficial da informação. A saturação cognitiva torna-se, assim, uma característica estrutural do ambiente digital contemporâneo, comprometendo a capacidade dos indivíduos de distinguir, interpretar e avaliar criticamente os conteúdos que circulam nas plataformas.

Embora as contribuições de Wardle e Derakhshan (2017) e da Organização Mundial da Saúde (2021) tenham sido fundamentais para consolidar o debate sobre desordem informacional e infodemia, observa-se que ambas permanecem predominantemente centradas na classificação dos conteúdos ou na caracterização do excesso de informação. Menor atenção tem sido dedicada às condições estruturais que possibilitam, potencializam e sustentam a circulação massiva desses conteúdos em ambientes digitais mediados por plataformas, algoritmos e disputas permanentes pela atenção. Em outras palavras, a literatura explica de maneira consistente o que circula e quais são as características dos conteúdos, mas ainda oferece respostas limitadas acerca da ecologia comunicacional que favorece sua propagação.

É justamente nessa lacuna que se insere a presente discussão. Antes de compreender os diferentes tipos de conteúdos que compõem a desordem informacional, torna-se necessário compreender o ambiente comunicacional no qual esses conteúdos circulam, disputam visibilidade e produzem efeitos sociais. A partir dessa perspectiva, propõe-se deslocar parcialmente o foco da análise dos conteúdos para as condições ecológicas da circulação da informação, reconhecendo que a arquitetura das plataformas digitais, a economia da atenção, a

mediação algorítmica e a saturação cognitiva constituem elementos centrais para compreender a crise informacional contemporânea.

3. Os limites da literatura atual: da classificação dos conteúdos à dinâmica da circulação

Os avanços produzidos pela literatura sobre desordem informacional, especialmente a partir da tipologia proposta por Wardle e Derakhshan (2017), representam uma contribuição fundamental para a compreensão dos diferentes tipos de conteúdos que circulam nos ambientes digitais. Ao distinguir misinformation, disinformation e malinformation, esses autores estabeleceram um modelo analítico capaz de diferenciar a natureza dos conteúdos e a intencionalidade presente em seus processos de produção e compartilhamento. Da mesma forma, o conceito de infodemia, difundido pela Organização Mundial da Saúde, ampliou o debate ao evidenciar que o excesso de informações constitui, por si só, um problema para a tomada de decisões e para a comunicação pública.

Entretanto, embora essas abordagens tenham contribuído significativamente para a consolidação do campo, argumenta-se que elas permanecem concentradas em duas dimensões principais: a classificação dos conteúdos e a caracterização do excesso informacional. Em outras palavras, a literatura descreve com precisão o que circula nos ambientes digitais e quais são as características dos diferentes tipos de conteúdos, mas oferece menor atenção às condições estruturais que possibilitam sua circulação, amplificação e permanência em ecossistemas informacionais marcados pela superabundância de dados.

Essa distinção é relevante porque a circulação da informação não depende exclusivamente das propriedades do conteúdo. Nas plataformas digitais, conteúdos verdadeiros, falsos, imprecisos ou descontextualizados disputam simultaneamente a atenção dos usuários em ambientes mediados por algoritmos de recomendação, métricas de engajamento e fluxos comunicacionais acelerados. Nessas condições, a capacidade de um conteúdo alcançar ampla difusão não decorre apenas de sua veracidade ou falsidade, mas também das características do ambiente comunicacional em que ele é inserido.

Desse modo, compreender a desordem informacional exige deslocar parcialmente o foco analítico do conteúdo para a circulação. A questão central deixa de ser apenas identificar se determinada informação é verdadeira, falsa ou utilizada de forma maliciosa e passa a considerar como diferentes conteúdos comportam-se quando inseridos em um ambiente caracterizado pela saturação informacional, pela economia da atenção e pela mediação

algorítmica. Em contextos de elevada densidade informacional, os mecanismos de propagação, visibilidade e consumo tornam-se tão relevantes quanto a própria natureza das mensagens.

Esse deslocamento não implica negar a relevância das categorias já consolidadas pela literatura, mas reconhecer seus limites explicativos diante das transformações promovidas pelas plataformas digitais. A tipologia de Wardle e Derakhshan permanece essencial para compreender a natureza da desordem informacional, porém foi concebida para distinguir modalidades de conteúdo, e não para explicar as dinâmicas sistêmicas de sua circulação em ambientes caracterizados pelo excesso permanente de informações. Da mesma forma, o conceito de infodemia descreve adequadamente a superabundância informacional, mas não diferencia os distintos processos pelos quais conteúdos equivocados, deliberadamente falsos ou estrategicamente descontextualizados aproveitam as condições produzidas por esse ambiente para ampliar sua disseminação.

Assim, identifica-se uma lacuna analítica entre duas perspectivas complementares. De um lado, encontram-se os estudos dedicados à classificação dos conteúdos informacionais; de outro, as abordagens voltadas à caracterização da infodemia como fenômeno de excesso de informações. Entre essas duas dimensões permanece pouco explorada a compreensão da ecologia da circulação informacional, isto é, das condições estruturais que favorecem, potencializam e ocultam diferentes processos de propagação de conteúdos em ambientes digitais.

Parte-se, portanto, do pressuposto de que a crise informacional contemporânea não decorre apenas da existência de informações falsas ou do volume excessivo de dados disponíveis, mas da interação entre esses elementos em um ambiente comunicacional profundamente condicionado pelas plataformas digitais, pela economia da atenção e pela aceleração permanente dos fluxos informacionais. Compreender essa interação demanda um modelo analítico capaz de articular a natureza dos conteúdos às condições ecológicas de sua circulação, deslocando a análise da informação isolada para o ecossistema em que ela é produzida, compartilhada e consumida.

É a partir dessa lacuna que se desenvolve a proposta teórica apresentada na seção seguinte. Em vez de substituir as categorias clássicas da desordem informacional, busca-se ampliá-las, incorporando uma perspectiva ecológica da circulação capaz de explicar como diferentes formas de informação se comportam em ambientes caracterizados pela saturação informacional e pela mediação algorítmica das plataformas digitais.

4. A proposta conceitual: da infodemia às dinâmicas epidêmicas da circulação informacional

A literatura sobre desordem informacional consolidou importantes categorias para distinguir a natureza e a intencionalidade dos conteúdos que circulam nos ambientes digitais. Entretanto, conforme discutido na seção anterior, permanece uma lacuna na compreensão das condições ecológicas que favorecem sua circulação em contextos marcados pela superabundância de informações. Partindo dessa constatação, propõe-se uma ampliação do modelo analítico da desordem informacional por meio de uma abordagem ecológica da circulação, capaz de articular o ambiente informacional às diferentes dinâmicas de propagação dos conteúdos.

Nessa perspectiva, a infodemia não é compreendida apenas como o excesso de informações, mas como uma condição estrutural do ambiente comunicacional contemporâneo. Caracteriza-se pela produção, circulação e consumo contínuos de grandes volumes de dados em plataformas digitais, fenômeno intensificado pela mediação algorítmica, pela economia da atenção e pela aceleração dos fluxos comunicacionais. O principal efeito da infodemia consiste na saturação cognitiva dos indivíduos, reduzindo o tempo disponível para verificação, contextualização e reflexão crítica. Sua intenção não é manipular deliberadamente a informação; trata-se de uma condição sistêmica produzida pelo próprio funcionamento do ecossistema digital contemporâneo.

Nesse ambiente de saturação informacional, diferentes processos de circulação passam a operar de maneira distinta. O primeiro deles é denominado misinfodemia. Diferentemente da misinformation, que descreve conteúdos falsos compartilhados sem intenção de causar danos, nesse sentido a misinfodemia refere-se à propagação epidêmica de informações incorretas decorrente das condições estruturais de aceleração comunicacional. Seu mecanismo central é a velocidade de circulação das informações. A pressão por atualizações em tempo real, a competição entre veículos de comunicação, produtores de conteúdo e influenciadores digitais, bem como a necessidade permanente de visibilidade nas plataformas, que reduzem o tempo destinado à apuração, à checagem e à contextualização das informações. Como resultado, conteúdos imprecisos ou equivocados passam a circular massivamente, não em razão de um projeto deliberado de manipulação, mas como consequência das dinâmicas de funcionamento do ecossistema comunicacional contemporâneo. A misinfodemia, portanto, depende da infodemia para existir, encontrando nela condições estruturais — excesso de informação, aceleração dos fluxos e disputa por atenção — o ambiente que favorece sua ocorrência.

A desinfodemia, por sua vez, corresponde à circulação epidêmica de conteúdos deliberadamente falsos produzidos com o objetivo de manipular indivíduos, grupos sociais ou instituições. Seu mecanismo fundamental não é o erro, mas a fabricação intencional da falsidade. Diferentemente da misinfodemia, a desinfodemia pressupõe planejamento, estratégia e finalidade política, econômica, ideológica ou simbólica. Sua relação com a infodemia não é de pertencimento, mas de aproveitamento estrutural. Em ambientes marcados pelo excesso de informações, a elevada densidade de conteúdos reduz a capacidade de rastreamento e verificação, criando condições favoráveis para que narrativas fraudulentas se camuflem entre informações legítimas. A infodemia funciona, assim, como um ambiente ecológico que favorece a circulação da desinfodemia, aumentando sua capacidade de alcance e dificultando sua identificação pelos usuários. Como deriva do cenceito de desinformação Wardle diz que: “Desinformação é um conteúdo intencionalmente falso e concebido para causar danos. Ela é motivada por três fatores: ganhar dinheiro; exercer influência política, seja estrangeira ou doméstica; ou simplesmente causar problemas pelo simples prazer de fazê-lo.” (Wardle, 2017, tradução nossa).

A malinfodemia refere-se à circulação epidêmica de informações verdadeiras utilizadas estrategicamente para produzir danos sociais, políticos, morais ou reputacionais. Enquanto a desinfodemia opera pela fabricação da mentira, a malinfodemia atua por meio da manipulação da verdade. Seu mecanismo consiste na descontextualização de fatos, na divulgação seletiva de informações, na exposição de conteúdos privados ou na reutilização estratégica de dados originalmente verdadeiros em contextos distintos daqueles em que foram produzidos. Assim como ocorre na desinfodemia, sua intenção é deliberadamente manipulativa. A infodemia não produz a malinfodemia, mas oferece as condições comunicacionais que favorecem sua circulação, reduzindo a capacidade dos indivíduos de contextualizar criticamente os conteúdos consumidos.

A distinção entre esses fenômenos permite compreender que a crise informacional contemporânea não pode ser explicada exclusivamente pela natureza dos conteúdos nem apenas pelo excesso de informações. A infodemia constitui uma condição estrutural do ambiente informacional contemporâneo, enquanto misinfodemia, desinfodemia e malinfodemia correspondem a diferentes dinâmicas de circulação que se desenvolvem nesse mesmo ecossistema, cada qual mobilizando mecanismos, intenções e formas de propagação específicas. Em vez de estabelecer uma relação hierárquica entre esses conceitos, propõe-se compreendê-los como fenômenos distintos, porém ecologicamente relacionados, cuja interação contribui para intensificar a desordem informacional nas sociedades digitais.

Essa proposta amplia o modelo clássico da desordem informacional ao deslocar parte da análise do conteúdo para sua dinâmica de circulação. Enquanto as categorias de misinformation, disinformation e malinformation permanecem fundamentais para identificar a natureza e a intencionalidade das informações, os conceitos aqui propostos buscam explicar como essas diferentes formas de conteúdo comportam-se quando inseridas em um ambiente de saturação informacional permanente, característico das plataformas digitais contemporâneas.

5. Sintetizando a proposta: modelo ecológico da circulação da desordem informacional

sintetizando a proposta teórica desenvolvida neste artigo ao representar a desordem informacional a partir de uma perspectiva ecológica da circulação. Diferentemente dos modelos centrados exclusivamente na classificação dos conteúdos, a proposta aqui apresentada parte da compreensão de que a circulação da informação ocorre em um ambiente comunicacional profundamente condicionado pela arquitetura das plataformas digitais, pela mediação algorítmica, pela economia da atenção e pela superabundância de dados. Sobre a dinâmica algorítmica Pariser (2011, p. 9) explica que: “A internet nos mostra o que ela acha que queremos ver, mas não necessariamente o que precisamos ver.”

Nesse contexto, a infodemia é compreendida como uma condição estrutural desse ambiente. Seu principal efeito consiste na produção de um cenário de saturação informacional, no qual a elevada densidade de conteúdos reduz a capacidade de seleção, contextualização e avaliação crítica das informações pelos indivíduos. A infodemia, portanto, não corresponde a uma modalidade específica de desordem informacional, mas ao ambiente comunicacional que condiciona a circulação contemporânea da informação. Um das dinamicas fundamentais para compreenção deste fenomeno, é justamente a dos dados como produtos, onde o importante é vender a informação, mesmo que está seja desinformação.

Dessa forma esse modelo de audiência e negócio, faz das redes ecossistemas onde os indivíduos são expostos majoritariamente a informações compativeis com as suas crenças prévias, aumentando consideravelmente os vieses cognitivos e a vulnerabilidade à desinformação. Segundo Kahneman (2011), este comportamento está ligado ao "Sistema 1" da mente humana, que é rápido, intuitivo e emocional, tendendo a confirmar as próprias convicções em vez de as questionar. Paralelamente, o conteúdo distribuído pelos algoritmos molda os utilizadores a rejeitarem dados de fontes profissionais e qualquer tipo de contraditório.

Compreender o cenário da desinformação nas mídias digitais é crucial para analisar esse ecossistema, que mascara a desinformação sob o rótulo de “conteúdo” — um eufemismo para

o que ela de fato representa nessas plataformas: um “produto”. Perceber que essa falsa informação é produzida sem compromisso com a verdade, beneficiando um grupo específico de atores, permite enxergar a inteligência artificial como engrenagem desse problema. Essa dinâmica reflete a lógica de Rêgo (2025, p. 210), para quem os algoritmos operam estritamente como modelos de negócio: “As estruturas algorítmicas que, permeadas pela opacidade das plataformas digitais e orientadas por seus modelos de negócios, potencializam a desinformação e as práticas de polarização e desentendimento.”

Nesse contexto, a desinformação integra uma economia política da informação, estruturada num circuito de produção, circulação e monetização que envolve múltiplos agentes. Longe de ser uma mera anomalia do sistema, ela funciona como um elemento fulcral às dinâmicas económicas das plataformas digitais. Produtores de conteúdo e empresas de tecnologia operam num ecossistema onde a atenção do utilizador é convertida em valor económico, favorecendo publicações com alto potencial de engajamento, independentemente da sua veracidade. Esta lógica assemelha-se à das audiências da rádio e da televisão tradicionais: quanto mais tempo o utilizador permanece conectado, maior é a sua exposição a anúncios publicitários. Shoshana Zuboff argumenta que a lógica algorítmica desempenha um papel central neste processo: “O capitalismo de vigilância reivindica unilateralmente a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais.” (Zuboff, 2019, p. 8 tradução nossa)

É neste ambiente outra tecnologia contemporânea inteligência artificial adquire particular relevância. Ferramentas baseadas em IA, especialmente as voltadas para a criação generativa, permitem conceber textos, imagens, áudios e vídeos automatizados com alto grau de realismo. Esta capacidade técnica reduz significativamente os custos operacionais e amplia exponencialmente o volume de publicações produzidas num curto espaço de tempo. Conforme apontam Erik Brynjolfsson e Andrew McAfee (2014, p. 9), as tecnologias digitais contemporâneas caracterizam-se pela escalabilidade e pelo potencial de replicação, atributos intensificados pelos sistemas inteligentes: “As tecnologias digitais podem replicar ideias, insights e inovações valiosas a um custo muito baixo.” (Brynjolfsson; McAfee, 2014, p. 9 tradução nossa)

Muniz Sodré (2006) argumenta que as mídias contemporâneas operam crescentemente através de “estratégias sensíveis”, mobilizando o afeto, a emoção e o sensório como recursos centrais de persuasão e controlo. Esta perspetiva permite compreender que os fenómenos da desinfodemia e da malinfodemia não se sustentam apenas na falsidade factual, mas na

exploração estratégica da dimensão afetiva dos indivíduos no âmbito da economia da atenção das plataformas.

É nesse ambiente que se manifestam três dinâmicas distintas de circulação. A misinfodemia decorre da aceleração dos fluxos informacionais e da pressão por velocidade, favorecendo a propagação massiva de informações incorretas sem intenção deliberada de causar danos. Já a desinfodemia corresponde à circulação sistemática de conteúdos deliberadamente falsos, produzidos com objetivos manipulativos. A malinfodemia, por sua vez, caracteriza-se pela utilização estratégica de informações verdadeiras, porém descontextualizadas ou seletivamente mobilizadas para produzir prejuízos sociais, políticos, morais ou reputacionais.

Embora compartilhem o mesmo ambiente comunicacional, esses fenômenos possuem mecanismos e intencionalidades distintas. A relação entre eles também não é de dependência hierárquica. A infodemia não gera diretamente a desinfodemia nem a malinfodemia. O que se propõe é que a saturação informacional produzida pela infodemia cria condições ecológicas que favorecem a camuflagem, a amplificação e a circulação desses fenômenos. Da mesma forma, a misinfodemia emerge das próprias características estruturais desse ambiente, especialmente da aceleração comunicacional e da lógica competitiva que orienta a circulação de conteúdos nas plataformas digitais.

O modelo ecológico aqui proposto desloca o foco analítico da natureza dos conteúdos para as condições estruturais de sua circulação. Em vez de compreender a desordem informacional apenas como um problema de veracidade ou falsidade das informações, argumenta-se que ela deve ser analisada como resultado da interação entre conteúdos, arquitetura das plataformas e dinâmicas comunicacionais que caracterizam o ecossistema digital contemporâneo.

6. Discussão

A proposta teórica apresentada neste artigo desloca parcialmente o eixo analítico da desordem informacional da classificação dos conteúdos para a compreensão das condições ecológicas que estruturam sua circulação. Esse deslocamento permite estabelecer um diálogo interdisciplinar entre a Comunicação e a Ciência da Informação, áreas que compartilham o interesse pelos fenômenos informacionais, mas tradicionalmente os abordam a partir de objetos e perspectivas distintas. Enquanto a Comunicação dedica maior atenção aos processos midiáticos, às mediações tecnológicas e às dinâmicas de circulação de sentidos, a Ciência da Informação concentra-se na produção, organização, recuperação, mediação e uso da

informação. A perspectiva ecológica proposta neste trabalho busca aproximar esses campos ao compreender que a circulação da informação constitui um fenômeno simultaneamente comunicacional, tecnológico, cognitivo e informacional.

Essa aproximação torna-se particularmente relevante no contexto das plataformas digitais. Diferentemente dos meios tradicionais de comunicação, as plataformas não desempenham apenas a função de hospedar conteúdos, mas atuam como agentes ativos na organização da circulação informacional. Por meio de sistemas algorítmicos de recomendação, esses ambientes selecionam, priorizam e amplificam conteúdos de acordo com critérios relacionados ao engajamento, ao tempo de permanência e à probabilidade de interação dos usuários. Como consequência, a circulação da informação deixa de ser determinada exclusivamente pela relevância pública ou pelo interesse social e passa a ser fortemente condicionada por lógicas computacionais e econômicas que privilegiam conteúdos capazes de capturar atenção.

Nesse cenário, a economia da atenção assume papel central para compreender a dinâmica da desordem informacional. Em um ambiente caracterizado pela abundância de dados, a atenção humana converte-se em um recurso escasso e disputado continuamente por plataformas, veículos de comunicação, criadores de conteúdo, agentes políticos e organizações econômicas. O excesso de estímulos informacionais reduz o tempo disponível para análise crítica, favorecendo formas de consumo rápidas e superficiais. A infodemia, compreendida neste artigo como uma condição estrutural da circulação contemporânea, intensifica esse processo ao produzir um ambiente de saturação cognitiva que dificulta a contextualização e a verificação das informações.

A incorporação crescente de sistemas de inteligência artificial amplia ainda mais essa complexidade. Ferramentas de IA generativa, sistemas automatizados de produção textual, sintetizadores de voz, geradores de imagens e algoritmos de recomendação aumentam significativamente a capacidade de produção e disseminação de conteúdos em larga escala. Essa transformação não implica que a inteligência artificial seja, em si mesma, responsável pela desordem informacional. Entretanto, ao reduzir custos de produção, acelerar a circulação de conteúdos e potencializar mecanismos de personalização algorítmica, essas tecnologias ampliam as condições estruturais que favorecem a propagação de diferentes formas de desordem informacional no ecossistema digital.

No campo do jornalismo, a proposta conceitual também oferece novas possibilidades interpretativas. As transformações provocadas pela comunicação em tempo real e pela competição por audiência alteraram profundamente as rotinas produtivas das redações. A

pressão por velocidade, exclusividade e atualização contínua frequentemente reduz o tempo destinado à apuração, à checagem e à contextualização das informações. Nesse contexto, a propagação de conteúdos incorretos nem sempre decorre de intenções manipulativas, mas das próprias condições estruturais impostas pela lógica da circulação digital. A categoria de misinfodemia procura justamente explicar esse fenômeno ao compreender que a disseminação massiva de erros pode resultar da aceleração dos fluxos comunicacionais e da competição permanente por atenção, distinguindo-se, portanto, das estratégias deliberadas presentes na desinfodemia e na malinfodemia.

Ao mesmo tempo, a diferenciação proposta entre desinfodemia e malinfodemia possui implicações relevantes para o desenvolvimento de políticas públicas e estratégias de enfrentamento da desordem informacional. Embora ambos os fenômenos possuam finalidade deliberadamente manipulativa, seus mecanismos de funcionamento são distintos. A desinfodemia fundamenta-se na fabricação e circulação estratégica de conteúdos falsos, exigindo ações voltadas à identificação de campanhas coordenadas, ao monitoramento de redes artificiais de disseminação e ao fortalecimento de mecanismos de transparência nas plataformas digitais. Já a malinfodemia opera por meio da instrumentalização de informações verdadeiras, mobilizando processos de descontextualização, exposição seletiva e enquadramento estratégico. Seu enfrentamento, portanto, ultrapassa a simples verificação factual e demanda reflexões sobre ética da informação, proteção de dados pessoais, privacidade, direito ao contexto e responsabilidade na circulação de conteúdos autênticos.

Da mesma forma, a misinfodemia demanda estratégias específicas. Como sua origem está relacionada às condições estruturais de produção e circulação da informação, seu enfrentamento depende menos de mecanismos de remoção de conteúdos e mais do fortalecimento das rotinas de verificação, da educação midiática e informacional, da valorização da apuração jornalística e da revisão de modelos comunicacionais excessivamente orientados pela velocidade e pelo engajamento. Reconhecer essa distinção contribui para evitar respostas homogêneas a fenômenos que possuem causas, mecanismos e objetivos distintos.

As implicações da proposta apresentada neste artigo ultrapassam, portanto, a formulação de novos conceitos. O modelo ecológico aqui desenvolvido busca oferecer uma estrutura analítica capaz de compreender a interação entre ambiente comunicacional, arquitetura das plataformas, mediação algorítmica e diferentes dinâmicas de circulação da informação. Ao deslocar parte da análise do conteúdo para as condições estruturais de sua propagação, argumenta-se que a desordem informacional deve ser compreendida como um

fenômeno sistêmico, produzido pela interação entre tecnologias digitais, economia da atenção, práticas comunicacionais e comportamento informacional dos indivíduos.

Nessa perspectiva, a principal contribuição deste trabalho consiste em propor que o enfrentamento da desordem informacional não pode apoiar-se em estratégias universais. Cada dinâmica de circulação mobiliza mecanismos próprios, produz efeitos distintos e exige respostas específicas por parte das plataformas digitais, do jornalismo, das políticas públicas e dos programas de educação midiática e informacional. Ao articular conceitos provenientes da Comunicação e da Ciência da Informação em uma perspectiva ecológica da circulação, o modelo aqui proposto amplia o potencial explicativo das abordagens clássicas da literatura e oferece novas possibilidades para pesquisas futuras sobre plataformas digitais, inteligência artificial, governança da informação e ecossistemas comunicacionais contemporâneos.

Considerações finais

A crescente complexidade dos ecossistemas digitais impõe novos desafios à compreensão da desordem informacional. A intensificação da circulação de dados, a mediação algorítmica das plataformas, a economia da atenção e a aceleração permanente dos fluxos comunicacionais transformaram profundamente as condições de produção, circulação e apropriação da informação, exigindo modelos analíticos capazes de compreender não apenas a natureza dos conteúdos, mas também as condições estruturais que favorecem sua propagação.

Partindo dessa constatação, este artigo buscou demonstrar que as abordagens clássicas sobre desordem informacional e infodemia permanecem fundamentais para a compreensão do fenômeno, mas apresentam limitações quando confrontadas com a dinâmica comunicacional das plataformas digitais. Enquanto a literatura consolidada oferece instrumentos consistentes para classificar conteúdos e caracterizar o excesso informacional, argumentou-se que ainda existe espaço para ampliar a compreensão das relações entre ambiente comunicacional, circulação da informação e produção da desordem informacional.

Nesse sentido, a principal contribuição deste trabalho consiste em propor uma perspectiva ecológica da circulação informacional, compreendendo que os processos de desordem informacional não podem ser analisados de forma dissociada das condições estruturais produzidas pelo ambiente digital contemporâneo. Mais do que um exercício terminológico, a proposta apresentada busca oferecer um modelo analítico que articula infraestrutura tecnológica, arquitetura das plataformas, mediação algorítmica, comportamento informacional e dinâmicas de circulação em uma mesma estrutura interpretativa.

As implicações dessa perspectiva ultrapassam o plano teórico. Ao reconhecer que diferentes dinâmicas de circulação operam por mecanismos distintos, torna-se possível compreender que políticas públicas, estratégias de moderação de conteúdo, iniciativas de educação midiática e informacional e práticas jornalísticas demandam abordagens específicas para enfrentar os diferentes processos que compõem a desordem informacional contemporânea. A compreensão das condições ecológicas que favorecem a circulação de conteúdos manipulativos pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais compatíveis com a complexidade do ambiente digital.

Por fim, reconhece-se que a proposta aqui apresentada possui caráter eminentemente teórico e constitui um ponto de partida para investigações futuras. Estudos empíricos poderão avaliar a aplicabilidade do modelo em diferentes contextos comunicacionais, analisar sua capacidade explicativa em eventos específicos de circulação informacional e explorar suas interfaces com temas como inteligência artificial, governança das plataformas digitais, comportamento informacional e políticas de regulação dos ambientes digitais. Espera-se, assim, que esta proposta contribua para ampliar o debate sobre a desordem informacional e estimule novas agendas de pesquisa capazes de integrar, de forma interdisciplinar, os campos da Comunicação e da Ciência da Informação diante dos desafios impostos pelos ecossistemas digitais contemporâneos.

Referências

BRYNJOLFSSON, E.; MCAFEE, A. The Second Machine Age: Work, Progress, and Prosperity in a Time of Brilliant Technologies. New York: W. W. Norton, 2014. Disponível em: http://digamo.free.fr/brynmacafee2.pdf. Acesso em: 16 jan. 2026.

HAN, B. Infocracy: digitalization and the crisis of democracy. Cambridge: Polity Press, 2022.

KAHNEMAN, D. Rápido e devagar: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

PARISER, E. The filter bubble: what the internet is hiding from you. New York: Penguin Press, 2011.

RÊGO, A. R. Desinformação e adversarial abuse online: entre conceitos, fenômenos, lugares e ações. Revista Eco-Pós, v. 28, n. 1, p. 209-230, 2025b. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/28475. Acesso em: 28 dez. 2025.

SODRÉ, M. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível

em: https://rm.coe.int/information-disorder-report-november-2017/1680764664. Acesso em: 17 nov. 2025.

ZUBOFF, S. The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power. New York: PublicAffairs, 2019.